

Humanidades e ciência:

uma leitura a partir da Bioética de Van Rensselaer (V. R.) Potter

Diego Carlos Zanella^(a)

Zanella DC. The humanities and the sciences: a reading from Van Rensselaer Potter's Bioethics. *Interface (Botucatu)*. 2018; 22(65):473-80.

The rise of Bioethics took place at a time when the gap between the sciences and the humanities seemed insurmountable. The appeal of Bioethics was in its mission of overcoming this distance which was proving to be critical for the future development of humanity and for maintaining the conditions for life on the planet. It was in this context that V. R. Potter put forward his original concept of Bioethics as an integration between Biology and human values – particularly moral philosophy – to guide human survival. In this sense, this paper will seek to develop and clarify the meaning of the concept of V. R. Potter's Bioethics and the problem of "two cultures", namely the need for building a dialogue between the humanities and the sciences, seeking a convergence of the ethical relationships of all knowledge around the idea of caring for life.

Keywords: Humanities. Sciences. Bioethics. Ethics. Van Rensselaer Potter.

A Bioética surgiu em um momento em que a distância entre a ciência e as humanidades parecia intransponível. Em seu surgimento, a Bioética possuía um apelo para superar essa distância que se revelava fatal para o futuro desenvolvimento da humanidade e para a manutenção das condições de vida nesse planeta. É nesse contexto que V. R. Potter propôs seu conceito original de Bioética como uma integração entre a Biologia e os valores humanos – especialmente a filosofia moral – para orientar a sobrevivência humana. Nesse sentido, o presente texto procurará desenvolver o significado do conceito de Bioética para V. R. Potter e o problema das "duas culturas", isto é, da necessidade de construção de um diálogo entre as humanidades e a ciência, buscando uma convergência da relação ética de todos os saberes em torno do cuidado da vida.

Palavras-chave: Humanidades. Ciência. Bioética. Ética. Van Rensselaer Potter.

^(a) Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL), Universidade Franciscana (UFN). Rua Silva Jardim, 1175. Sala 610, prédio 16, conjunto III. Santa Maria, RS, Brasil. 97010-491. diego.zanella@gmail.com

Introdução

Van Rensselaer Potter II (27 de agosto de 1911 – 6 de setembro de 2001) foi um bioquímico norte-americano, professor e pesquisador na área da Oncologia no McArdle Laboratory for Cancer Research, da Universidade de Wisconsin, na cidade de Madison, nos Estados Unidos da América. Sua vasta experiência e anos de pesquisa sobre o câncer o fez propor o surgimento de um novo conceito interdisciplinar que procura unir a Ética e a ciência em um novo enfoque. Desse modo, procurou construir um diálogo entre a ciência da vida (Biologia: *bios*, “vida”) e a sabedoria prática (filosofia, ética, valores), criando, assim, o neologismo “Bioética”. A Bioética de V.R. Potter pode ser definida como uma nova ética, que combina a humildade, a responsabilidade e a competência interdisciplinar e intercultural, potencializando o senso de humanidade¹.

O conceito original de Bioética de V. R. Potter como uma integração entre Biologia e valores – especialmente a filosofia moral – foi pensado para orientar a sobrevivência humana. A sua devida atenção na criação e produção do conhecimento humano e a incorporação de conceitos ecológicos e valores morais na Medicina e na Saúde permanecem importantes, embora negligenciados. Entretanto, essas contribuições são merecedoras de elaborações mais refinadas. Os bioeticistas deveriam prestar mais atenção nas suas advertências sobre o progresso insustentável, especialmente nos sistemas de saúde, e trabalhar para a modificação de seus comportamentos, incorporar valores morais, espirituais e ecológicos de afirmação da vida e alargar a Bioética de V. R. Potter.

Nos Estados Unidos da América, a “invenção” original de V. R. Potter, em 1970, parece ser vista por alguns como uma nota histórica irrelevante. Outros, no entanto, têm reconhecido as suas contribuições e promovido uma visão mais ampla da bioética, embora o legado de V. R. Potter ainda não seja ensinado em muitos programas de ética aplicados à área da saúde. Além disso, ele não é adequadamente incluído nas importantes explicações da história da bioética¹. O seu conceito de bioética foi desenvolvido no contexto de um centro universitário de pesquisas sobre o câncer no centro-oeste dos Estados Unidos da América e perdeu a competição intelectual por formulações mais dominantes que surgiram em Washington, D.C., apoiadas por mais dinheiro e poder político nacional. As ideias de V.R. Potter não merecem apenas serem resgatadas, mas também promovidas e ampliadas devido ao seu valor para a sobrevivência da vida neste planeta. Não se tratam apenas das ideias de V. R. Potter – influenciado por, entre outros, Rand Aldo Leopold (1887-1948), pioneiro eticista que se tem notícia –, mas também dos seus valores de responsabilidade pessoal, humildade, sabedoria, orientação e cidadania espiritual, que merecem reconhecimento. Nesse sentido, o presente texto procurará desenvolver e clarificar o significado do conceito de bioética para V. R. Potter como uma tentativa de superação do problema das duas culturas, isto é, da necessidade de construção de um diálogo entre as humanidades e a ciência.

O problema das duas culturas

A definição de Bioética de V. R. Potter incorre, assim, no problema das “duas culturas”, a saber, a ciência e as humanidades, como referido anos antes por Charles Percy Snow (1905-1980) em sua famosa palestra “As duas culturas”. C. P. Snow, cientista e escritor, observou uma profunda divisão entre os proponentes de disciplinas literárias e humanistas e os proponentes de disciplinas técnicas e científicas, entre as quais não há comunicação e nenhuma visão de mundo compartilhada². Associada a essa nociva dicotomia que continuou a aumentar no século XX, há outra oposição ainda mais antiga que é, em parte, constitutiva da modernidade, a saber, a separação radical entre fato e valor³.

C. P. Snow documentava a separação em duas partes da cultura ocidental ao indicar que a sua vida intelectual estava se tornando cada vez mais dividida em dois grupos polarizados: por um lado, os integrantes da cultura humanística; e, por outro lado, os integrantes da cultura científica e tecnológica. Ainda argumentava que estes dois grupos haviam parado de se comunicar e considerava que essa crescente polarização entre os humanistas e os cientistas era um problema de todo o mundo ocidental, pois envolvia um custo elevado de oportunidades e exigia uma reformulação dos sistemas de educação⁴.

A palestra de C. P. Snow argumentou que o colapso da comunicação entre “as duas culturas” da sociedade moderna – as humanidades e a ciência – foi um grande obstáculo para o esclarecimento dos problemas do mundo. Para C. P. Snow, o distanciamento progressivo entre a ciência e as humanidades provoca um empobrecimento da visão dos intelectuais, tornando-os ignorantes ou na cultura científica ou na cultura humanística. De modo particular, C. P. Snow argumentou que a qualidade da educação no mundo está em declínio. Muitos cientistas, por exemplo, nunca leram Charles Dickens (1812-1870) e/ou outros grandes autores, enquanto muitos intelectuais das humanidades não estão familiarizados com a ciência.

Muitas vezes estive presente em reuniões de pessoas que, pelos padrões da cultura tradicional, são tidas por altamente cultas, e que, com considerável satisfação, expressaram a sua incredulidade quanto à falta de instrução dos cientistas. Uma ou duas vezes fui provocado e perguntei quantos deles poderiam descrever a Segunda Lei da Termodinâmica. A resposta foi fria: também foi negativa. No entanto, eu estava perguntando algo que equivaleria em termos científico a: “Você já leu uma obra de Shakespeare?”

Acredito agora que, se tivesse feito uma pergunta mais simples, como, por exemplo: O que você entende por massa, ou por aceleração, que é o equivalente científico de dizer: “Você sabe ler?”⁴. (p. 33)

Nessa passagem, C. P. Snow apela para uma melhor compreensão entre as duas culturas, isto é, a ciência e as humanidades. Nesse sentido, ele sugere que elas podem complementar-se uma à outra de modo que os avanços da ciência e da tecnologia sejam somados às reflexões e ponderações das humanidades para o melhoramento da qualidade da vida humana. Assim, essa combinação não é meramente um meio para elevar a qualidade de vida, mas também é vital para se organizar uma sociedade saudável na qual haja compreensão e respeito necessários para um mundo que pense mais e que seja mais justo. A combinação de ciência e humanidades ajuda no desenvolvimento da capacidade de compreensão emocional, criando sentido para a produção de novas tecnologias. Para se obter tal objetivo, é necessário perguntar e explorar as questões que mais importam, esforçando-se para que haja uma maior compreensão e percepção da humanidade, procurando o significado da vida (humana e também não humana), construindo pontes e associações e desenvolvendo capacidades e oportunidades. Entretanto, o que é necessário para criar um “estado de espírito” aberto e capaz de combinar ciência e humanidades?

A proposta de solução de V. R. Potter

Frente à situação de falta de comunicação entre a cultura humanística e a cultura científica, a proposta de V. R. Potter é uma solução consistente para unificar em uma “terceira cultura”⁵ os conhecimentos sobre a natureza e os conhecimentos sobre a consciência. A partir da última década do século XX – que alguns começaram a chamar de a década ambiental –, encontrou-se um ponto comum entre as duas culturas: a crise do meio ambiente. Tal crise tem duas partes: a primeira e mais séria é aquela que implica a morte de milhões de espécies de plantas e animais e centenas de ecossistemas; a segunda parte é a crescente ameaça à segurança da cultura humana, como virtualmente toda sociedade tem que enfrentar a questão sobre como é possível viver em um ambiente degradado e empobrecido⁶.

Há, contudo, uma intrínseca relação entre as implicações éticas e sociais das novas tecnologias e dos avanços científicos sobre o meio ambiente e a vida (humana e não humana); e a necessidade de uma disciplina, discurso ou mecanismo que introduza a reflexão humanista no seio da ciência. A bioética, como proposta por V. R. Potter, preserva em seu interior esses questionamentos. Embora V. R. Potter não tenha citado C. P. Snow em suas duas grandes obras e dezenas de artigos sobre bioética, assim como também não se sabe se o primeiro leu o segundo, ambos os autores sugerem, de modo otimista, a mesma solução: a necessidade de uma nova disciplina, uma “terceira cultura”, capaz de produzir um mútuo entendimento entre cientistas e humanistas.

Um pensamento final, interessante, tem a ver com a singularidade do indivíduo humano, tanto biológica quanto culturalmente. Um tipo de singularidade cultural é expresso por uma lista de livros e artigos que se tenha lido. Quanto menor for a especialização, maior nossa lista de livros se sobrepõe com outros especialistas na mesma área até atingir o ponto em que nos tornamos tão especializados que lemos apenas o que escrevemos. Mas, se começarmos a ler tanto na ciência quanto nas humanidades, é improvável que qualquer outra pessoa no mundo tenha lido os mesmos livros que nós lemos. Não deveríamos, então, tentar tirar algumas conclusões a partir da leitura que nenhum outro tenha feito? Ou, se há outros que leram a mesma coleção, não deveríamos nos perguntar se eles chegaram a mesma conclusão?⁷ (p. x)

Note-se que a Bioética surgiu em um momento em que a distância entre as ciências da natureza e as humanidades parecia intransponível, mas surgiu precisamente como um apelo para superar essa distância que se revelava fatal para o futuro desenvolvimento da humanidade e para a manutenção das condições de vida neste planeta. Na verdade, o progresso tecnocientífico alheio ao seu impacto no ambiente circundante em geral e no mundo humano em particular se apresentava – e continua a se apresentar – como uma crescente ameaça à dignidade humana. V. R. Potter estava plenamente consciente da ambiguidade que caracteriza a sociedade industrializada e tecnocientífica, marcada pela contradição essencial de possuir a capacidade de criar grandes recursos de todos os tipos, enquanto, absurdamente, tanto o mundo humano quanto o meio ambiente continuam sofrendo de problemas dramáticos de injustiça social, exploração econômica e até mesmo progressiva e irreversível deterioração da natureza.

Em contraste com a natureza reducionista que tem marcado o desvio posterior da bioética, a ideia original de V. R. Potter foi criar uma nova disciplina que permitisse reunir o âmbito dos fatos e dos valores, o domínio das ciências e das humanidades, a fim de buscar saídas, ou ao menos caminhos, que pudessem servir de guia no complexo labirinto formado pela sociedade contemporânea, produto da fusão entre a revolução científica e a industrial⁸. (p. 1)

O enorme abismo aberto pelo potencial técnico desencadeou a necessidade da reflexão ética. De repente, reivindicava-se uma “terceira cultura”, na qual a ciência e as humanidades pudessem convergir para responder às novas interrogações suscitadas pela aplicação das novas tecnologias. O próprio criador da bioética a definiu como uma ponte entre as duas culturas, ao afirmar que a “humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que forneça o ‘conhecimento de como usar o conhecimento’ para a sobrevivência humana e para o melhoramento da qualidade de vida”⁷ (p. 1).

O propósito deste livro [Bioética: Ponte para o Futuro] é o de contribuir para o futuro da espécie humana por promover a formação de uma nova disciplina, a disciplina da “bioética”. Se existem “duas culturas” que parecem incapazes de dialogarem entre si – a ciência e as humanidades – e se isso é parte da razão de que o futuro parece (estar) em dúvida, então, possivelmente, nós podemos construir uma “ponte para o futuro” por edificar a disciplina da bioética como uma ponte entre as duas culturas. [...] O que nós temos que encarar agora é o fato de que a ética humana não pode ser separada de um entendimento realista da ecologia no mais amplo sentido. “Valores éticos” não podem ser separados dos “fatos biológicos”. Nós estamos em grande necessidade de uma ética da terra, uma ética da vida selvagem, uma ética populacional, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional, uma ética geriátrica, e assim por diante. Todos estes problemas exigem ações que sejam fundamentadas em valores e fatos biológicos⁷. (p. VII-VIII)

O abismo entre a ciência e as humanidades e a tentativa de transpô-lo são o grande tema da bioética de V. R. Potter, correlacionado com muitos outros. V. R. Potter denunciou vigorosamente a pobreza de sabedoria da ciência, adicionando as vozes da ciência às vozes dos filósofos. Para ele, está claro que o acúmulo de conhecimento não foi acompanhado por um crescimento similar em sabedoria,

no sentido do “conhecimento de como usar o conhecimento”. Ciência e sabedoria devem ser postas em pé de igualdade, já que sem sabedoria se corre o risco de ir em frente às cegas, enquanto sem uma consciência para guiar seu uso, o conhecimento torna-se perigoso. O alerta lançado pela bióloga e ambientalista norte-americana Rachel Carson (1907-1964), em *Silent Spring* (1962), sobre os danos que pesticidas e inseticidas podem provocar despertou V. R. Potter de seu sonho do progresso científico⁷. Embora possa ser verdade que o conhecimento científico tenha nascido de boas intenções, muitas vezes, como se sabe, tais intenções construíram caminhos para tragédias. Criados para destruir o que parece ser danoso, os inseticidas tornaram-se uma ameaça para a humanidade, um exemplo entre muitos de como o conhecimento pode, por meio de suas aplicações práticas, tornar-se um perigo se essas aplicações não forem temperadas e/ou dosadas com sabedoria. Assim, V. R. Potter desenvolveu uma clara compreensão de que ele estava construtivamente definindo alguma coisa nova – a Bioética – para a qual ele assumiu a responsabilidade e que visava o futuro, não o passado².

O ponto de partida de V. R. Potter foi o questionamento do avanço materialista da ciência e da tecnologia na cultura ocidental a partir de três concepções distintas de progresso, a saber: a concepção religiosa, a concepção materialista e a concepção científico-filosófica. A concepção religiosa de progresso pode ser resumida na crença de que o único progresso verdadeiro é aquele que provém da vontade de Deus ou dos deuses. Essa visão, entretanto, aos poucos foi sendo substituída pela concepção materialista de progresso, que se caracteriza pelas “palavras ‘mais’ e ‘melhor’ [que] tornaram-se símbolos orientadores das pessoas que acreditavam que tudo era possível”⁷ (p. 44). Nessa perspectiva, desenvolveram-se outras teorias progressistas, como a da sobrevivência do mais apto de Herbert Spencer (1820-1903) e a evolucionista, com as ideias de seleção natural e aperfeiçoamento da espécie, de Charles Darwin (1809-1882). Para V. R. Potter, nenhuma dessas teorias do progresso seria capaz de assegurar a sobrevivência humana.

Como indivíduos, falamos do “instinto de sobrevivência”, mas a soma total de todos os nossos instintos individuais para a sobrevivência não é suficiente para garantir a sobrevivência da raça humana em uma forma que qualquer um de nós aceitaria de bom grado. O “instinto” por sobrevivência não é o suficiente. Temos que desenvolver a “ciência” da sobrevivência e ela deve começar com um novo tipo de ética – a bioética⁷. (p. 4)

Se as concepções religiosa e materialista de progresso não conseguiram conduzir a humanidade para um futuro aceitável, restava, para V. R. Potter, à concepção científico-filosófica construir esse caminho. “O conceito científico-filosófico de progresso que enfatiza a sabedoria de longo alcance é o único tipo de progresso que pode conduzir à sobrevivência”⁷ (p. 52). Nesse sentido, fazia-se necessária a proposição de uma nova disciplina que pudesse fornecer uma “ponte para o futuro”, propiciando, assim, o diálogo entre a biologia básica, as ciências sociais e as humanidades. Em outras palavras, frente aos avanços científicos e tecnológicos, é – e continua sendo cada vez mais – necessário o desenvolvimento de uma sabedoria que forneça o “conhecimento de como usar o conhecimento para o bem social”.

A humanidade necessita urgentemente de uma nova sabedoria que forneça o “conhecimento de como usar o conhecimento” para a sobrevivência humana e para o melhoramento da qualidade de vida. Esse conceito de sabedoria como melhoramento da qualidade de vida – o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem social – poderia ser chamado de “ciência da sobrevivência”, seguramente o pré-requisito para a melhoria da qualidade de vida. Considero que a ciência da sobrevivência deve ser construída sobre a ciência da biologia e ampliada para além dos limites tradicionais para incluir os elementos mais essenciais das ciências sociais e das humanidades com ênfase na filosofia em *stricto sensu*, significando “amor à sabedoria”. A ciência da sobrevivência deve ser mais do que ciência apenas e, portanto, sugiro o termo “bioética” a fim de enfatizar os dois ingredientes mais importantes na obtenção da nova sabedoria que é tão desesperadamente necessária: conhecimento biológico e valores humanos⁷. (p. 1-2)

A Bioética como caminho

O que é necessário, nas palavras de V. R. Potter, é uma nova disciplina para fornecer modelos de estilos de vida para as populações, propor e explicar as novas políticas públicas que poderiam fornecer uma “ponte para o futuro”. “Somente através da combinação do conhecimento das ciências e das humanidades nas mentes humanas individuais é que poderemos esperar construir uma ‘ponte para o futuro’”⁷ (p. 53).

Nesta época de especialização, [...] não podemos nos permitir deixar o nosso destino nas mãos de cientistas, engenheiros, tecnólogos e políticos que esqueceram ou que nunca souberam dessas verdades simples. [...] A nova disciplina será forjada no calor dos problemas da crise de hoje, todos que exigem algum tipo de mistura entre a biologia básica, as ciências sociais e as humanidades. [...] Temos que desenvolver a “ciência” da sobrevivência e ela deve começar com um novo tipo de ética – a bioética. A nova ética pode ser chamada de “ética interdisciplinar”, definindo interdisciplinaridade em um modo especial para incluir tanto as ciências quanto as humanidades⁷. (p. 2-4)

A Bioética, como descrita por V. R. Potter, deve ser uma disciplina que parte do que ele chamou de a “crise de hoje”, uma crise generalizada, de claro caráter global que afeta tanto o indivíduo quanto a sociedade e o meio ambiente. Essa crise exige que a principal finalidade da educação seja a compreensão da natureza humana em seu conjunto e de suas relações com o mundo circundante com a finalidade de criar uma sabedoria que seja capaz de ensinar a como usar o conhecimento que o ser humano foi adquirindo para que seja possível construir uma “ponte para o futuro”. Isto é, o objetivo da Bioética é o de trabalhar a favor da sobrevivência do ser humano e do meio ambiente do qual depende. V. R. Potter entendia a Bioética não somente como um saber teórico, mas também como fonte e combinação² de um tipo de sabedoria que proporcione à humanidade pautas gerais que indicam como fazer uso racional da grande quantidade de conhecimento acumulado pelas diversas especialidades do saber. A Bioética, segundo V. R. Potter, deve ter um papel de bússola para guiar e orientar as políticas públicas na obtenção do “bem social”. A “sabedoria é uma guia para a ação e não meramente a ‘posse’ do conhecimento”⁷ (p. 193).

Se o propósito da Bioética coincide com a garantia da sobrevivência, o meio primário está localizado em um novo conhecimento, para que se possa fazer uso do conhecimento, isto é, “o conhecimento de como usar o conhecimento” para se chegar à “sobrevivência humana e [...] ao] melhoramento da qualidade de vida”⁷ (p. 9), não somente para o momento presente, mas também para as gerações futuras. Assim, torna-se claro que a “sabedoria é o conhecimento de como usar o conhecimento para melhorar a condição humana e este é o conhecimento mais importante de todos”⁷ (p. 66). O conhecimento de como usar o conhecimento é concebido como conhecimento moral, isto é, como “sabedoria”. “A ciência é conhecimento, mas não é sabedoria. Sabedoria é o conhecimento de como usar a ciência e de como equilibrá-la com outros conhecimentos”⁷ (p. 49). Assim, o grande problema relacionado com o uso do conhecimento no desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias para o melhoramento da qualidade de vida não está no seu uso em si, ainda não assimilado moralmente pela sociedade, mas no seu controle. Esse controle deve ocorrer em um nível diferente do controle técnico ou científico. Esse controle deve ser moral.

Em relação ao conteúdo ético, dada a incapacidade de o ser humano singular conhecer tudo, até mesmo em biologia, a atitude mais adequada no agir é a virtude da humildade e da prudência. No que toca à sobrevivência humana, é preciso entender que não se pode prever tudo, pois há muitos riscos que se derivam das escolhas e que podem escapar do controle imposto a uma determinada experiência. Segundo V. P. Potter, a sabedoria começa com o temor do Senhor, temor que “pode invocar em nós o respeito digno pela vasta teia da vida e a humildade como a nossa limitada capacidade para compreender todas as repercussões de nossa arrogância tecnológica”⁷ (p. 9). Essa humildade, afinal, vem do fato de que o ser humano não pode chegar ao pleno conhecimento da natureza, o que significa admitir “a possibilidade de que as forças naturais podem escapar de nossas

tentativas de construir o tipo de utopia que podemos imaginar”⁷ (p. 11-12). O futuro escapa do controle humano. A humildade fará com que se compreenda a urgência do trabalho interdisciplinar, a saber, ouvir os outros e estar aberto às críticas.

Considerações finais

A Bioética apareceu no horizonte científico como o estudo interdisciplinar dos problemas criados pelo progresso científico – na Medicina, nas Ciências da Saúde e da Vida, no meio ambiente, na Ecologia, etc. – e sua repercussão na sociedade e no sistema de valores. A palavra Bioética passou a significar mais do que um campo concreto de investigação humana na intersecção entre a ética e as ciências da vida e a ecologia. Ela também é uma disciplina acadêmica, uma força política na Medicina, na Biologia e nos estudos sobre o meio ambiente.

A interdisciplinaridade está presente na Bioética proposta por V. R. Potter. Este ponto é absolutamente importante, já que os grandes problemas que o ser humano enfrenta nas mais diversas áreas de conhecimento devem ser vistos e analisados a partir desses diversos campos, buscando uma convergência da relação ética de todos os saberes em torno do cuidado da vida. Deste modo, a Bioética abre espaço para a reflexão, para integrar a ciência e a vida, o conhecimento e a moralidade, os problemas vitais da humanidade do presente e do futuro. V. R. Potter teve uma mentalidade aberta e uma visão futurista particular, com a qual buscava construir uma ponte entre as duas culturas, a cultura da ciência e a cultura das humanidades, uma ponte entre a ética e a vida, entre a sobrevivência da vida humana e da natureza.

Para V. R. Potter, a aceitação do caráter inevitável de certos sofrimentos humanos que resultam da desordem natural nos seres humanos e no mundo físico era parte constitutiva de seu credo bioético pessoal. No entanto, o sofrimento oriundo do comportamento desumano do indivíduo para com o seu semelhante não era aceito passivamente de modo algum. Mesmo no fim da vida, continuou afirmando que o terceiro milênio somente poderá ser ou a era da Bioética global ou a era da anarquia. O sistema educacional e o mundo da cultura, por um lado, e o sistema econômico, por outro lado, são os dois pilares que determinarão a direção que a sociedade do futuro escolherá, como reconhecido em seu último livro, ao citar uma das principais teses de Aldo Leopold: “Talvez o mais sério obstáculo impedindo a evolução de uma ética da terra seja o fato de que nosso sistema educacional e econômico é desviado de, ao invés de direcionado à uma intensa consciência da terra”⁹ (p. 13). As palavras finais de V. R. Potter em “Bioética: Ponte para o Futuro” nos convidam a reconsiderar, mais do que nunca, a necessidade de um novo *ethos*, com o qual continuaremos a viver na Terra⁷.

Referências

1. Ten Have HAMJ. Potter’s notion of bioethics. *Kennedy Inst Ethics J.* 2012; 22(1):59-82.
2. Hottois G. Defining bioethics: back to the sources. In: Meacham D, editor. *Medicine and society. New perspectives in continental philosophy.* Dordrecht: Springer; 2015. v.120, p. 15-38.
3. Schramm FR. Uma breve genealogia da bioética em companhia de Van Rensselaer Potter. *Bioethikós.* 2011; 5(3):302-8.

4. Snow CP. As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: EDUSP; 1995.
5. Goig RL. La bioética como "tercera cultura": un análisis desde la sociología de la ciencia. Cuad Bioet. 2003; 14(51-52):217-28.
6. Worster D. The two cultures revisited: environmental history and the environmental sciences. Environ Hist. 1996; 2(1):3-14.
7. Potter VR. Bioethics: bridge to the future. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall; 1971.
8. Quintanas A. Reseña de 'bioethics: bridge to the future' de Van Rensselaer Potter. Sinéctica. 2009; (32):1-5.
9. Potter VR. Global bioethics: building on the Leopold Legacy. East Lansing, MI: Michigan State University Press; 1988.

Zanella DC. Humanidades y ciencia: una lectura a partir de la Bioética de Van Rensselaer Potter. Interface (Botucatu). 2018; 22(65):473-80.

La Bioética surgió en un momento en el que la distancia entre la ciencia y las humanidades parecía insalvable. En su aparición, la Bioética presentaba un clamor para superar esa distancia que se revelaba fatal para el futuro desarrollo de la humanidad y para el mantenimiento de las condiciones de vida en ese planeta. Es en ese contexto que V. R. Potter propuso su concepto original de Bioética como una integración entre la Biología y los valores humanos – especialmente la filosofía moral – para orientar la supervivencia humana. En este sentido, este texto buscará desarrollar el significado del concepto de Bioética para V. R. Potter y el problema de las "dos culturas", es decir, de la necesidad de construcción de un diálogo entre las humanidades y la ciencia, buscando una convergencia de la relación ética de todos los saberes alrededor del cuidado de la vida.

Palabras clave: Humanidades. Ciencia. Bioética. Ética. Van Rensselaer Potter.

Submetido em 05/12/16. Aprovado em 12/06/17.